

Mt 21,28-32 (Viver a fé)

Vivemos hoje uma das maiores crises da história da humanidade, seja pela sua intensidade, seja pela sua amplitude. As referências e os valores do passado se revelam insuficientes para aclarar e orientar as decisões do presente. Pluralismo cultural, individualismo difuso, avalanche de informações, novas tecnologias e linguagens correspondentes, a indomável hegemonia do fator econômico na vida da sociedade gerando desigualdades sociais, aumento da corrupção, violências urbanas, emigrações maciças, manipulações globais, são alguns fatores que nos deixam perplexos e impotentes diante da realidade que vivemos.

Por outro lado, a fé cristã, ou o seguimento de Jesus Cristo, é uma realidade vivida pelos seres humanos sempre no interior de seus respectivos contextos socioculturais. Deste modo podemos distinguir vários cristianismos que diferem entre si, mas que concretizam em cada época a mesma fé cristã. Assim herdamos um cristianismo caracterizado como “cristandade”, pertinente no passado, mas que hoje pouco significa, pois seu pressuposto principal desapareceu, a saber, uma sociedade maciçamente cristã. Apesar do esforço do Concílio Vaticano II em renová-lo, o processo ainda está em curso.

Poderíamos caracterizar esta configuração passada do cristianismo como uma época na qual as *expressões da fé* ganharam o primeiro plano, já que a fé era sem mais pressuposto básico da própria vida social. Daí a enorme atenção dada às expressões da doutrina, à minuciosa celebração dos sacramentos, à autoridade do clero, em contraste com a limitada vivência cristã da maioria, que assim ocasionava um cristianismo mais *cultural* do que propriamente religioso e que em nossos dias não resiste ao impacto de uma sociedade secularizada. Daí a crescente indiferença religiosa que hoje assistimos, embora diversificada nos diversos continentes.

Neste cenário aparece em toda a sua importância o Evangelho deste domingo. Pois para Jesus ter fé não significa apenas aceitar verdades, mas sim *vivê-las*. Porque toda a realidade, toda a humanidade, todo o cristianismo resultam de uma opção livre de Deus, de um ato de amor pelos seres humanos, livre e generoso, pois a própria identidade divina, a verdade de Deus, é simplesmente amor (1Jo 4,8). E a fé autêntica deve se expressar, deve mostrar o que ela é, e ela o faz através da doutrina, das celebrações, da comunidade eclesial, que não são a fé, mas sim sinais da fé, como dizia Tomás de Aquino. Permanecer nos sinais sem que eles provoquem ações correspondentes é dissociar a fé da vida, é tornar a fé inócua, conservada superficialmente para suprir necessidades pessoais. Já o próprio Jesus alertara seus contemporâneos: “Não basta me dizer: Senhor, Senhor! para entrar no Reino dos céus” (Mt 7,21).

Se o gesto primeiro de Deus é uma opção de amor, de vir ao nosso encontro, então nossa resposta a Deus deve igualmente ser uma opção de amor, verdade esta muito clara para Paulo: “o que importa é a fé atuando pelo amor” (Gl 5,6), e não a circuncisão (sinal). E como Deus não nos é diretamente acessível, nossa resposta vai acontecer no trato com nosso semelhante, como repete o mesmo Paulo: “toda a lei se cumpre com um preceito: Amarás teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,14). E também na cena do juízo final o critério da salvação não está nos sinais, no que constitui a religião, mas na prática efetiva da caridade fraterna: tive fome, tive sede, estava nu, prisioneiro, enfermo, e me socorrestes, mesmo desconhecendo quem sou eu (Mt 25, 37s).

Sabemos também que a ação do Espírito Santo é universal, vai além dos muros do cristianismo, e leva muitos a fazerem o bem para seus semelhantes. A sociedade é mais sensível a tais testemunhos efetivos do amor cristão, mesmo pelos que não são tais, porque diminuem o sofrimento e humanizam a sociedade. No tempo de Jesus foram os mais desprezados socialmente (cobradores de impostos e prostitutas) que acreditaram em João Batista e não os que se julgavam religiosos.

Este Evangelho também explica o esforço do Papa Francisco em levar a Igreja para efetivamente servir à sociedade, não apenas através de seus ensinamentos, mas, sobretudo, através de ações concretas, de cunho assistencial (emigrantes), de preservação da natureza, de justiça social, de ajuda aos pobres, de aceitação do diferente, de participação de todos em vista da humanidade sonhada por Deus e anunciada na pregação e na vida de Jesus Cristo. Só assim a Igreja, que somos nós, estará realmente sintonizada com Jesus Cristo para quem é mais decisivo o *fazer* do que o dizer. A atual pandemia nos privou das celebrações (sinais), mas motivou muitos cristãos, tidos como não praticantes, a garantirem a sobrevivência de seus semelhantes com doações de alimentos básicos. Este é o cristianismo de Jesus, tal foi a sua vida!

MFM